

Aventuras dos pajés de branco

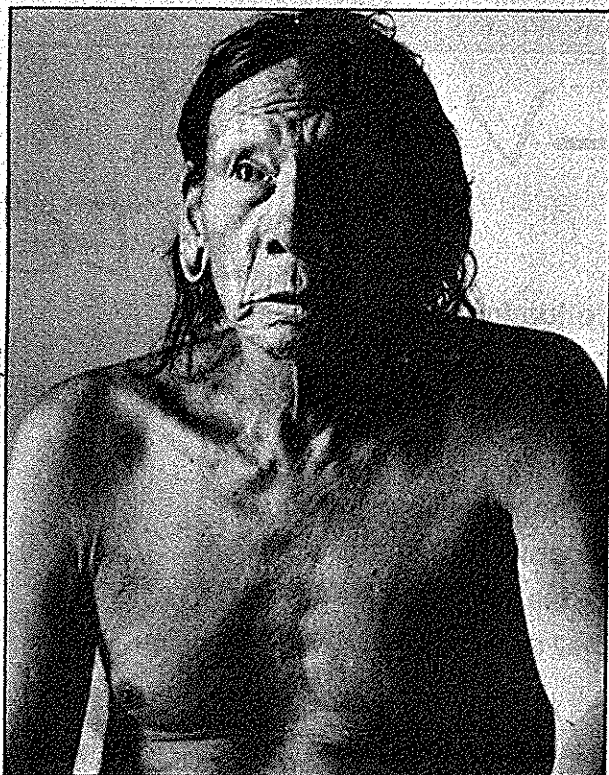
Médicos paulistas invadem a selva do Xingu. A missão é salvar índios.

MARCOS FAERMAN

“É um trabalho apaixonante, feito com coração”, diz o sertanista Orlando Vilas-Boas. O velho sertanista lembra de histórias fabulosas de médicos nas selvas brasileiras. Muitas aventuras — e muita sabedoria. Um médico, quando vai para o Xingu, para a Amazônia, tem que confiar em sua sensibilidade para fazer diagnósticos. O índio tem uma noção muito fluida do tempo. Nunca sabe explicar se a dor começou “há um mês, dois meses, um ano.” Mas figuras como o médico judeu Noel Nutels, que veio para o Brasil fugindo do nazismo e se apaixonou pelos índios brasileiros, ou o doutor Roberto Baruzzi, da Escola Paulista de Medicina, sempre souberam trabalhar e conquistar o coração do índio.

Vilas-Boas relata: “Uma ocasião estava no Xingu com um grupo de médicos, entre eles o Marcelo Pio da Silva, o Rubens Belfort de Matos e o Baruzzi, quando vimos uma criança com encefalite palúdica, morrendo. O diagnóstico foi feito na hora. Mas o que fazer para salvá-la? A criança não reagiu a uma injeção de Aralém. O Marcelo, então, resolveu aplicar na artéria. A criança, que estava em coma, abriu os olhos. Mas logo caiu prostrada novamente. Aí ele lembrou um procedimento médico de José Kerbaum e resolveu aplicar a injeção na raque. Nessa hora, estava chegando na aldeia o Baruzzi. Marcelo gritou: ‘Preciso de alguém com mão bem firme.’ O Baruzzi aplicou a injeção na raque e a criança começou a reagir. Hoje, é um índiozão, homem feito, pai de três filhos.”

Quando o velho sertanista fala da turma da Escola Paulista de Medicina, é como se fosse um deles. Orlando Vilas-Boas costuma dizer que um dos principais segredos do sucesso dos médicos da EPM nas selvas do Xingu é que



Luiz/AE

Os médicos envolvidos no Projeto Xingu nunca entraram em conflito com os rituais de feitiçaria indígenas. “O pajé cura uma parte, nós curamos outra”, ensina o doutor Roberto Baruzzi.

eles nunca disputaram a “cliente-la” dos pajés. O dr. Baruzzi, coordenador do “Projeto Xingu”, sempre recomendou à sua turma: “O pajé cura uma parte, nós curamos outra”. Baruzzi sabe que a feitiçaria empolga boa parte dos índios. Um raio caiu? Pode ser feitiçaria. E os castigos para um adulto que matou alguém com feitiçaria podem ser terríveis. Até a morte.

Outra história contada pelo médico Douglas Rodrigues, que mostra o espírito orgulhoso dos pajés, aconteceu numa aldeia Caiapó. Quando estava para nascer um filho do grande cacique Raoni, formou-se uma verdadeira “junta” de pajés. Lá estavam os famosos pajés Taumã, Sapain e Prepuri. Entre os Caiapós, o parto é feito pelas mulheres, no meio de uma fumaceira danada e um bocado de gritos. Como o parto estava demorando, o dr. Douglas foi chamado para dar uma opinião. “Eu disse que o parto seria ótimo

porque o feto estava na posição ‘certa’, conta Douglas. “Mas não estava nessa posição”, retrucou um pajé. “Eu o fiz ficar assim.” O doutor Douglas não teve outra alternativa senão cumprimentá-lo “por seus enormes poderes”.

Exames ginecológicos

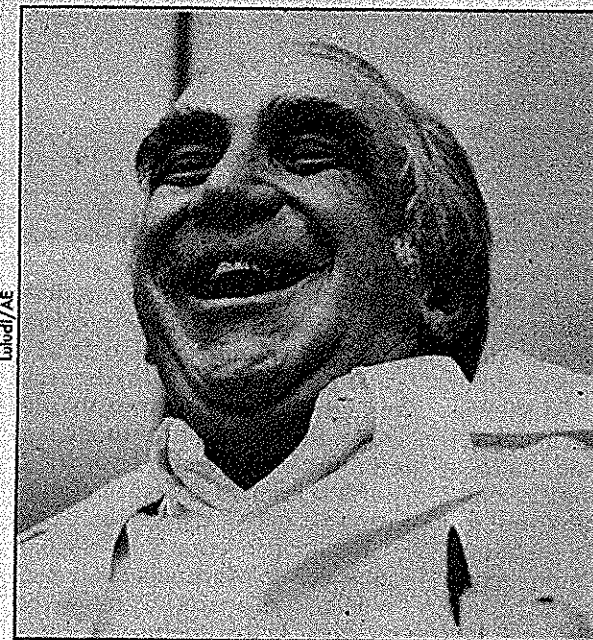
Os médicos da Paulista obtiveram uma grande vitória quando conseguiram convencer os caciques Megaron e Raoni da necessidade de realizar exames ginecológicos nas índias do Xingu. Há anos eles vinham percebendo que o câncer de útero estava matando muitas índias, principalmente entre 35 e 40 anos. Mas o exame ginecológico era um tabu, por razões óbvias. Os médicos concluíram que deviam intervir, pois a situação era muito grave. A enfermeira Selma, graças à sua expressiva capacidade de comunicação com os índios, convenceu

algumas mulheres a fazer os primeiros exames ginecológicos no Xingu. Essas índias, depois contavam às suas amigas que “o exame não doía”.

Hoje, 20% das mulheres índias do Xingu já foram submetidas ao teste Papanicolau e a exames ginecológicos. O mais grave é que 3% delas sofrem de câncer ginecológico. Por razões ainda desconhecidas, o câncer ginecológico está muito mais difundido entre as índias do que entre as brancas.

O futuro dos índios do Xingu, no entanto, ainda é uma grande incógnita. Afinal, é impossível determinar o que vai acontecer com tantas mudanças alimentares, agora que os índios passam a ter total acesso ao açúcar, sal e óleo. Tradicionalmente, a alimentação no alto Xingu é à base de peixe e da mandioca brava, preparada sob a forma de beiju e mingau, além do milho, amendoim, banana e piqui. Os índios do Xingu sempre temperaram sua comida com sal vegetal, extraído de iguapés. Eles queimam a planta e extraem resina para ter o sal, que tem uma vantagem sobre o “sal dos brancos”: tem muito potássio e pouco sódio, o que o torna menos “engordante”. O problema é que os índios se apaixonaram pelo sal dos brancos e começaram a engordar — e seu futuro, agora, é incerto.

Mas assim como os médicos paulistas preocupam-se com os índios do Xingu, também os caciques e pajés estão de olho no doutor Baruzzi — que acabou se tornando tão amigo dos índios que chega a hospedar muitos deles em sua casa em São Paulo. Por isso, os índios prometem que, no dia em que o criador de todas as coisas e de todos os homens chamar Baruzzi, o médico branco será homenageado com um Quarup, honra destinada só aos maiores homens que pisam no Xingu.



Luiz/AE

O doutor Baruzzi garante: a medicina tradicional dos índios pode e deve ser aliada à medicina ocidental para melhorar a saúde das populações da selva.

Um lugar onde a medicina convive com tabus

O uso de plantas medicinais pelos índios oferece um vasto campo de interesse para os que visitam áreas indígenas. A obtenção de maiores conhecimentos a respeito é dificultada pela barreira linguística e pela relutância do “pajé das ervas” em fornecer informações — tanto por causa de alguns tabus como do especial “status” que ele desfruta na comunidade pelos conhecimentos que possui.

Os índios acreditam que as doenças são causadas por entidades sobrenaturais malignas ou por feitiçaria, e não por bactérias, vírus e outros agentes etiológicos, como na medicina ocidental. Quando é uma criança ou um indivíduo idoso que falece, a morte é encrada como um fato natural e não precisa ser vingada. A morte de um índio adulto, no entanto, pode levar a uma “investigação”, e se houver suspeita de que a mesma foi provocada por feitiçaria, é organizada uma expedição punitiva.

O pajé teria a capacidade de

se relacionar com entidades espirituais, o que não é facultado aos indivíduos comuns. Os índios procuram o pajé em busca de cura para seus males físicos. Com suas ações, o pajé tende a preservar a integridade da sociedade com a redução de ansiedades e conflitos entre os seus membros e apoiando as normas sociais vigentes.

A principal função do pajé é médica; existe a expectativa de que ele possa curar doenças que não respondem com as ervas medicinais mais comumente usadas. Outra função igualmente importante é identificar as causas das doenças. As principais técnicas usadas são a remoção de objetos estranhos do paciente e o transe induzido pelo fumar do cigarro nativo. Nossa experiência no Xingu nos mostra que é perfeitamente possível a coexistência da medicina tradicional e da medicina ocidental, em clima de mútuo respeito.

Roberto Baruzzi, médico da Escola Paulista de Medicina, é coordenador do Projeto Xingu.